

Res Sinicae e os recursos didáticos

O caso dos leques

Paulo de Assunção
Centro de Estudos Clássicos (CEC)
Universidade de Lisboa
Membro do Instituto Histórico
e Geográfico Brasileiro

16 de abril de 2021



INTRODUÇÃO

O século XXI é a era da incerteza, em que os seres humanos terão que desenvolver uma **mente questionadora e criativa** para enfrentar cada vez mais o imprevisto e **saber agir** nas situações inesperadas.

Adaptar-se à realidade e agir de forma a promover a transformação constituem um dos objetivos a ser alcançado. Esta mudança de mentalidade dos seres humanos visa **atingir a consciência de que a sustentabilidade da vida no planeta é uma necessidade e responsabilidade de todos.**

Aprender a ser e compreender os outros indivíduos implica o conhecimento da pluralidade humana, na sua igualdade e diferença, pois, conforme salienta a filósofa alemã Hannah Arendt, apenas o ser humano:

“é capaz de exprimir essa diferença e distinguir-se; só ele é capaz de **comunicar a si próprio** e não apenas **comunicar alguma coisa** – como sede, fome, afeto, hostilidade ou medo”.

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 189.

INTRODUÇÃO

A prática docente tem passado por um revisionismo que tem como um dos focos de discussão o papel social do professor e das suas práticas frente ao ato educativo, principalmente no âmbito do ensino da História. Como destaca Paulo Freire:

“Saber ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não de transferir conhecimento”.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 47.

INTRODUÇÃO

A prática em sala de aula deve ser a de um processo de construção e reconstrução do saber histórico, marcado por rupturas, pela investigação e pela busca das diferenças e das semelhanças. Desta forma, o próprio ensino da História deve ser visto como histórico, pois nós indagamos o passado, tentando “responder às questões colocadas num determinado contexto, lugar e época”. O conhecimento histórico deve permitir ao educando estruturar a sua identidade e produzir conhecimento, assim como auxiliá-lo na compreensão da alteridade, captando as diferenças e similaridades, o plural e o singular, o absoluto e o relativo, em momentos históricos distintos.

ROCHA, Ubiratan. “Reconstruindo a História a partir do Imaginário do Aluno”. In: NIKITIUK, Sonia L. (org). *Repensando o Ensino de História*. São Paulo: Cortez, 1996, p. 47.

INTRODUÇÃO

Os debates recentes têm confirmado que a educação patrimonial pode dirigir-se a qualquer faixa etária, independentemente do bem cultural que se deseja estudar/divulgar. Também há o consenso de que a **educação patrimonial instiga o indivíduo: a observar e pensar sobre o bem cultural; a manifestar quais as impressões sobre o bem cultural;** à pesquisa e à discussão dos resultados; e à apropriação do significado do bem para cada um. Em termos práticos, **a educação patrimonial pode ser estimulada com visitas a museus, exposições, monumentos, etc.** A veiculação de material informativo impresso e divulgado pelos meios de comunicação, a realização de eventos, seminários e exposições, a publicação de livros, revistas e cartilhas, a produção de vídeos e outros materiais, bem como o desenvolvimento de ações educativas, são meios para divulgar a importância do património e devem ser considerados no ensino da História.

O leque como recurso didático

Entendendo que o trabalho com o património deve ajudar a **estudar a estruturação do tempo e do espaço**, bem como a desenvolver a **educação dos sentidos**, escolhemos o leque como recurso didático para o desenvolvimento de atividades no nível etário entre 15 e 17 anos.

O recurso didático incide sobre peças do acervo do **Museu do Oriente e de outros museus**.

Pretende-se com este recurso, concebido a partir **de conteúdos programáticos da disciplina curricular de História**, mas com o objetivo de permitir uma leitura multidisciplinar, disponibilizar uma ferramenta didática que possa ser simultaneamente explorada autonomamente pelos alunos, ou trabalhada, de forma supervisionada, em contexto de sala de aula. **Para tal, pretende-se que este recurso venha a ser disponibilizado online, numa plataforma digital de publicação de fontes históricas sobre a China nos séculos XVI-XIX**, a qual se encontra em preparação, numa área dedicada especificamente a materiais pedagógicos direcionados para um público mais novo.

O leque como recurso didático

Leque com vista de Macau,
Dinastia Qing, c. 1860, em
papel, prata, ouro, esmalte,
seda e marfim

Fonte: Museu do Oriente – FO-2053



O leque como recurso didático

Leque oriental em madeira
lacada e acharoadada – Na parte
superior a representação de
pessoas num momento de
entretenimento – Dinastia
Qing

Fonte: Museu do Oriente – FO-1226





O leque como recurso didático

Escultura do imortal Zhongli Quan ou Zhongli de
Han - Dinastia Qing – madeira de Fuchao.

Fonte: Museu do Oriente – ColMC- 27466

Observe o modo de segurar um leque. Esta divindade
está ligada à longevidade e à transmutação da vida.



O leque como recurso didático

Rolo de Pintura – Dinastia Qing – período
Daoguang (1821-1850) - Pintura representando duas
mulheres num jardim, ao estilo de Liuru (Tang Yin,
1470-1523), um dos quatro mestres da dinastia
Ming.

Fonte: Museu do Oriente – ColMC-28057

**Observe a pintura e note a diferença do leque
representado.**

Este recurso enquadra-se nos conteúdos programáticos da disciplina de História do 10.º, 11.º e 12.º anos, considerando as aprendizagens essenciais:

I. Expansão e mudança nos séculos XV e XVI

- O Império Português na Ásia;
- A mundialização do comércio;
- O encontro mundial de culturas;
- A ascensão colonial da Inglaterra.

II. O contexto europeu dos séculos XVII e XVIII

- A sociedade de ordens.

Tendo em consideração a capacidade de análise do aluno e o seu pensamento crítico e criativo, temos como objetivo promover a valorização do património histórico e estimular a sensibilidade estética e artística dos alunos, além de fomentar a multiperspetiva, ou a interdisciplinaridade, em História.

O trabalho final consiste em propor ao aluno a **montagem de um vídeo**, em **formato de telejornal**, ou **reportagem de investigação**, que tenha como foco principal o tema:

Leque: um elemento da comunicação entre o Extremo Oriente e a Europa.

Os alunos, em **equipa**, deverão realizar **pesquisa bibliográfica**, bem como **visitar museus**, tendo como objetivo compreender o **surgimento do leque**, o seu **fabrico e a sua circulação**, e os seus **usos no período que vai dos séculos XVI a XIX**. Com base neste levantamento, a equipa ficará responsável por definir o tipo de produção que deseja, bem como por montar o roteiro e produzir a reportagem.

A proposta é criar um **material, que será disponibilizado online**, que reúna conteúdo de várias disciplinas, atividade que será supervisionada pelos professores.

O recurso didático parte da observação de peças do Museu do Oriente e de alguns dos seus pormenores e da formulação de perguntas que orientam o aluno na sua descoberta.

Brisa do Oriente

Observe atentamente a
imagem:



Brisa do Oriente

Como terá chegado este objeto à
Europa?

Em que região terá sido produzido?

Qual é o meio de transporte nele
representado?



O leque

Observe atentamente a
imagem



O leque

A cena representada
permite a compreensão
da vivência na sociedade
chinesa?

Quais são as diferenças
deste leque quando
comparado com a peça
anterior?



O leque

Os portugueses participaram no comércio asiático, a partir do século XVI. Deve-se também considerar que as disputas internas, nos diferentes territórios, contribuíram para o controle comercial que exerceram. O reino lusitano auferiu lucros elevados com a intermediação do comércio intra-asiático, entre os séculos XVI e XIX.

É no decorrer desse período que os portugueses abasteceram o mercado europeu com este acessório, que passou a ser cobiçado e se transformou num adereço importante na composição da indumentária e foi considerado como uma insígnia de poder. Ao porto de Lisboa chegavam várias mercadorias vindas da Índia e da China, muitas delas exóticas aos olhos dos europeus e que foram cobiçadas: dentre elas os leques, que provocam grande fascínio. Contudo, deve-se esclarecer que os leques usados na China eram diferentes dos destinados ao mercado consumidor europeu.

O leque

Montanhas depois da chuva por Wang Hui –
1695 – Peça destinada ao
mercado interno chinês

Fonte: Metropolitan Museum,
Inv.º 1989.363.144



O leque

Os leques eram um **adereço indispensável** para os chineses, durante as dinastias Ming (1368-1644) e Qing (1644-1912), que fizeram uso dele como um instrumento cerimonial ou apenas com uma função utilitária.

Era uma peça que tinha **importância cultural, social e estética**. A intensificação da circulação de pessoas e produtos promovida a partir do século XVI fez com que estes objetos rapidamente se transformassem em um adereço requintado nas principais cortes europeias no decorrer dos séculos seguintes. **Era um objeto que combinava preciosidade e luxo**, além de poder transmitir informações.

Os chineses foram agentes importantes no abastecimento do mercado de um adereço que, além de servir para refrescar, se tornou uma insígnia de poder. **O que é possível notar é que há um mercado exotismo no uso de leques orientais.**

O leque

O termo “*shan*” é utilizado para referir todos os leques. O caracter chinês para “leque” deriva de uma imagem de penas sob um telhado (扇).

Os leques de encomenda são normalmente constituídos, em sua grande maioria, por “leques *brisé*”, conhecidos em chinês como “*hu shan*” (leque desdobrável), feitos em materiais diferentes: de papel, com varetas e guardas de marfim, madeira lacada, madrepérola, e prata filigranada. Posteriormente, passam a ter uma maior popularidade os “leques mandarim”, também designados “leques de cabecinhas”, e conhecidos como “China Trade” ou “leques de Cantão”. Estes normalmente possuem varetas e guardas lacadas, e as folhas são em papel, geralmente gomado, com pinturas feitas a guache, sendo entendidas por muitos como uma pequena pintura. Nas representações que compõem as peças, normalmente destacam-se cenas da corte e da vida social, representações históricas e/ou populares, paisagens (em especial das feitorias, nomeadamente Cantão) e outros temas. As pinturas apresentam cores fortes e chamativas, muitas delas dando a ilusão de um efeito tridimensional, muito apreciado pelo gosto europeu.



O leque

Observe os usos que se fazem do leque

Retrato da Baronesa do
Seixo 1845/1851 – por
Augusto Roquemont

Fonte: Museu Nacional Soares
dos Reis -1450 Pin MNSR

Retrato da atriz Virginia –
1893 por Ramalho Júnior
Fonte: Museu Nacional Soares dos
Reis – 166 Pin MNSR



O leque

Quais os tipos de leques existentes na China?

Como se processam o seu fabrico e a sua circulação para outras partes do mundo?

Qual o uso que se fazia do objeto na sociedade oriental e na Europa?

ATIVIDADE FINAL

Após visitas ao Museu do Oriente e outros museus, bem como pesquisa bibliográfica, os alunos da equipa devem reunir-se e planear a execução de um vídeo, em **formato de telejornal**, ou **reportagem de investigação**, que tenha como foco principal o tema:

Leque: um elemento da comunicação entre o Extremo Oriente e a Europa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O repertório das temáticas e gramáticas dos leques, pertencentes ao Museu do Oriente, é variado e permite compreender a dinâmica das relações comerciais e culturais da China com a Europa. Os diferentes testemunhos materiais, leques, e outros objetos que ostentam representações de leques, permitem compreender o uso e a difusão das peças pelo mundo. O aprofundamento do estudo permitirá estabelecer diálogo sobre questões como a mundialização do comércio e da cultura, assim como pensar as continuidades e descontinuidades que acompanham a existência humana.

Entendemos que a educação patrimonial tem como uma das suas premissas a consciencialização do indivíduo, a fim de que ele empreenda a leitura do mundo que o circunda, na trajetória histórico-temporal, bem como na compreensão do universo cultural valorizado e preservado. Desta maneira, é de suma importância consolidar a ideia de que todos são agentes histórico-sociais responsáveis pela preservação e manutenção da memória coletiva.